

TCC/UNICAMP
An89m
IE/663



1290000663



IE

TCC/UNICAMP An89m

Universidade Estadual de Campinas

Instituto de Economia



Mudanças Econômicas e inserção no mercado de trabalho:
um estudo sobre as expectativas dos universitários campineiros
do anos 90

Aluno: Davi José Nardy Antunes

Orientador: Prof. Dr. José Ricardo Barbosa Gonçalves
Campinas, dezembro de 1997

TCC/UNICAMP
An89m
IE/663

CEDOC/IE

Agradecimentos

Antes de mais nada, gostaria de agradecer ao professor José Ricardo Barbosa Gonçalves. Apesar de nossos desencontros e das faltas de horário, ele sempre foi fonte de inspiração e sabedoria e soube guiar o meu destempero. Sua orientação “conseguiu” que minhas idéias, no início confusas e dispersas, se transformassem neste trabalho.

Outra pessoa que foi fundamental para a esta monografia foi o professor Waldir Quadros. As discussões inteligentes e bem humoradas em sala de aula foram essenciais à resolução de muitos impasses ao longo da elaboração. Por isto e por ter aceitado ser o professor banca desta, meu muito obrigado.

Os dados utilizados nesta monografia, que permitiram que ela tivesse uma formatação mais rigorosa, só foram possíveis graças ao professor Carlos Américo Pacheco. Mestre como poucos, ele sempre estendeu a mão e indicou os caminhos, quando estava perdido. Muito Obrigado!

A Juciara Diniz, um agradecimento especial, por revisar exaustivamente este trabalho, tornando-o mais compreensível (mas os erros remanescentes são de minha responsabilidade). E, principalmente, por me aguentar e por ser a fonte de grande parte de minha felicidade nestes dois anos de convivência.

Esta monografia, como não poderia deixar de ser, foi feita para os meus pais. Eles foram responsáveis por tudo o que sou, menos pelos defeitos. Dona Cida e Dr. Agrário sempre foram e sempre serão exemplos de ética, bondade e amor. Agradecer-lhes é pouco mas, mesmo assim, muito obrigado.

Índice

Introdução.....	pag.02
Capítulo 1.....	pag.07
Item 1.1.....	pag. 07
Item 1.2.....	pag. 08
Item 1.3.....	pag. 14
Capítulo 2.....	pag. 21
Capítulo 3.....	pag. 28
Item 3.1.....	pag. 28
Item 3.2.....	pag. 30
Item 3.3.....	pag. 33
Item 3.4.....	pag. 35
Conclusão.....	pag. 38
Bibliografia.....	pag. 41
Anexo 1 - Questionário.....	pag. 43
Anexo 2 - Entrevistas.....	pag. 45

Introdução

Nesta monografia, será analisada uma série de entrevistas com universitários campineiros de classe média com idade entre 20 e 24 anos. Uma amostra casual simples de 10 estudantes foi obtida através da realização de uma pesquisa de campo, feita entre os dias 20 e 27 de outubro de 1997. Para se ter parâmetros sobre a população universitária de Campinas, foi utilizada a PCV - Pesquisa das Condições de Vida de Campinas 1994, da Fundação Seade. As características a serem utilizadas são listadas abaixo:

- nível de instrução familiar;
- anos de escolaridade;
- condição de procura de trabalho;
- condição de atividade.

Por problemas relativos a formatação destes dados, será analisada a classe média urbana e não-proprietária¹. A definição do que é uma ocupação típica desta parcela da classe média será a mesma utilizada por Quadros ², a saber:

- administradores, gerentes e chefes;
- auxiliares de escritório;
- ocupações burocráticas de natureza específica;
- economistas e contadores - nível superior;
- técnicos de contabilidade - nível médio;
- mestres e contramestres;

¹ A discussão a respeito da impossibilidade da inclusão do restante das camadas médias, apesar da base de dados ser outra, é semelhante a de Quadros (1991).

² Quadros (1991), pp. 34-38.

- lojistas e caixas;
- outras ocupações do comércio;
- médicos, dentistas e enfermeiros diplomados;
- ocupações auxiliares da área de saúde;
- professores primários e inspetores de ensino;
- professores secundários e superiores;
- engenheiros e arquitetos;
- ocupações de engenharia e arquitetura;
- outras ocupações técnicas e científicas de nível superior;
- outras ocupações técnicas e científicas de nível médio;
- ocupações de defesa nacional e segurança pública;
- profissionais dos transportes;
- profissionais da comunicação;
- especialistas na área de saúde;
- analistas e inspetores;
- profissionais do esporte.³

As entrevistas foram baseadas na técnica da história de vida. As informações obtidas desta forma “apresentam, naturalmente, distorções devidas à idealização ou simplificação do passado pelo informante, desde que se referiam a uma situação bastante afastada no tempo”.⁴ Mas elas são o eixo desta análise pois este tipo de questionamento deixa que o entrevistado fale o que quer, sobre o que considera mais importante, enfim, permite-nos “penetrar no seu jeito de ser”.⁵ Além disso, o “método de entrevista preza pela

³ Uma maior especificação a respeito do conteúdo dos elementos da tipologia e de homogeneidade interna, ver Quadros (1991).

⁴ Durham (1973), capítulo 2 em diante.

⁵ Verri (1993), p. 44.

qualidade, pelo conteúdo do relato e não pela quantidade de relatos”⁶. Portanto, a partir delas, será possível verificar a percepção das questões contemporâneas que estes jovens de classe média possuem.

Antes de mais nada, é necessário realizar uma tipificação dos jovens entrevistados. Antônio é uma garota alegre, simpática, extrovertida e leva uma vida muito sossegada, sem grandes problemas. Seu padrão de vida é típico de classe média alta. Seu estilo seria o de uma “patricinha”, mas seria melhor definida como uma “patricinha bixo grilo”, no sentido de que ela não se adequa perfeitamente ao exibicionismo, algo clássico neste tipo de pessoa (provavelmente por ser uma pedagoga e estar numa área mais alternativa). Gosta de festas, badalações e afins. E também acha que o trabalho é a fonte de tudo.

Patrícia, diferentemente, é uma pessoa mais simples. Veste-se de maneira mais “desencanada”, é séria e determinada. Considera-se uma pessoa caseira e não se interessa muito pelo que se passa no mundo pois tem muita desgraça acontecendo por aí. Por fazer engenharia elétrica, Patrícia é, de certa forma, uma “estranha no ninho”. Mas ela acha normal esta situação e até gosta de estar no meio de tantos homens.

Apesar de fazer engenharia elétrica também, João é muito diferente. É tipicamente um “nerd” dos dias de hoje: estudioso, eficiente e objetivo. É também uma pessoa sem grandes utopias, mas é otimista com relação ao futuro do Brasil e do mundo. Poderia ser considerado um *blasé*.

Sandro é o tipo de pessoa que gosta de teorizar sobre tudo. Por ser ex-líder estudantil, as frustrações o tornaram cético com respeito a tudo, acabando com suas utopias. Agora, ele só pensa com a realidade palpável sendo

⁶ Verri (1993), p. 44. Para uma discussão mais aprofundada a respeito do método de entrevistas utilizado, ver Verri (1993) e Durham (1973).

conformado com a vida. Seu narcisismo se aclara com seus objetivos de subir na vida e na falta de interesse pelo resto dos acontecimentos.

Iniciativa é uma palavra que pode mostrar a personalidade de Marcelo. Ele é um “cara” que gosta de arriscar, montou uma pequena empresa e quer ganhar muito dinheiro. Gosta de curtir a vida e seus objetivos são claramente hedonistas: só ficar na praia e “pegar” o maior número de mulheres possível.

Entre os entrevistados, Pedro é um clássico representante da “geração saúde”. Joga vôlei e vai á academia todo dia, com uma clara inclinação narcísica. Sua ascendência brasiliense se demonstra no seu jeito de malandro e “espertão”. “Preocupa”-se com os problemas do mundo mas se interessa apenas em saber o que está acontecendo, sendo, deste modo, um pseudo-alienado.

Mário também tem seu lado “geração saúde”: joga capoeira, vôlei e “malha” várias horas por dia. É o típico *playboy* campineiro, gosta de se vestir bem, comer em lugares caros, tem um padrão de vida elevado. Fala muito de si e com certa arrogância; é esforçado e acha que isto é a fonte de tudo que se pode obter na vida.

Um exemplo claro do discurso desarticulado é Mariana. Esta estudante de dança, muito calada, tem opiniões que não fogem do senso comum e nem causam grandes discussões. É estudiosa e esforçada mas não se liga muito nos acontecimentos, só fazendo o que gosta: dança.

Já Pérsio é um engenheiro mecânico na acepção da palavra. É meio “bitolado”, estuda todos os dias, religiosamente, na Biblioteca Central da Unicamp. Possui grande simpatia no trato pessoal sendo muito acessível e simples. Acha que a vida é difícil mas o esforço pessoal supera tudo. Considera-se alienado mas tem uma boa justificativa para isto: há coisas mais importantes na vida.

Para finalizar, é necessário falar sobre Bianca: é uma garota tímida, meio “nerd” e, portanto, muito sozinha e quieta. Gosta de conversar pela internet mesmo que seja com pessoas que estão perto dela. É totalmente frustrada com o curso que escolheu e objetiva apenas que sua carreira lhe dê dinheiro para ela poder fazer o que realmente quer: ter uma loja de animais.

Este trabalho visa, primeiramente, discutir como a inserção social dos jovens universitários de classe média da cidade de Campinas é afetada pelo contexto macroeconômico nacional e pelas mudanças geradas pela 3ª Revolução Industrial. Depois será visto como estes jovens vêem estas mudanças e a forma como eles lidam e reagem a elas, concluindo com as considerações finais.

A monografia é dividida em 3 capítulos e uma conclusão. O primeiro tem o objetivo de discutir a situação econômica brasileira e as suas ligações com a problemática aqui tratada. Ele é subdividido em 3 itens principais. Primeiro será traçado um panorama da forma como a industrialização brasileira e a estruturação social pré-existente moldaram os mecanismos de mobilidade social do período pós-Segunda Guerra Mundial. No item 2, discutir-se-á de maneira sucinta a 3ª Revolução Industrial e será apresentado dois pontos de vista a respeito das mudanças na forma e no processo de trabalho. O item 3 tratará do contexto macroeconômico atual, a estabilização realizada pelo Plano Real e suas consequências sobre o emprego. No capítulo 2, a discussão se fará em torno do problema teórico do narcisismo e seus desdobramentos. Depois, este referencial é testado empiricamente através das entrevistas no capítulo 3, que também verifica a percepção sobre as questões do capítulo 1. E, para terminar, será feita a síntese das conclusões obtidas.

Capítulo 1

1.1 Os Impactos Sociais da Industrialização Brasileira

Em períodos de grande crescimento, como a rápida industrialização brasileira, a geração brutal de empregos e oportunidades⁷ eleva o dinamismo da concorrência individual, propiciando o avanço do utilitarismo como valor social fundamental juntamente com outros como o trabalho, a iniciativa, a nação. Este processo, via de regra, privilegiava os mais aptos, que eram evidentemente os que “dispunham do monopólio da educação formal e do acesso privilegiado à cultura”⁸. Isto era **absolutamente inevitável**.⁹ “Mas mesmo os mais pobres e miseráveis tinham a esperança de um futuro melhor, se não para eles, certamente para seus filhos e seus netos.”¹⁰ A ascensão social era o mecanismo básico de reprodução da sociedade dentro do pacto desenvolvimentista. Só que a crise de financiamento externo, provocada pela mudança no contexto internacional no início dos anos 80, desestruturou e rompeu as bases deste pacto social.

Esta mudança que ocorreu no mundo foi mais profunda do que parecia, não era apenas uma conjuntura passageira de choque de juros internacionais,

⁷ Segundo Quadros (1991), durante o período do milagre econômico, foram criados empregos numa quantidade equivalente ao estoque total que existia anteriormente.

⁸ Mello (1992), p.63.

⁹ Apesar do regime militar potencializar este movimento, pois, segundo Costa(1984) “criou condições político econômicas que desestruturaram o núcleo da família burguesa e levaram seus membros a redefinirem suas identidades privadas, através de instrumentos e instâncias até então inexistentes ou relegadas a segundo plano”. Então, “as condutas sociais (...) não exprimem apenas o desacerto dos pretendiam dizer não à opressão e findaram por tornar-se cúmplices inconscientes do que pensaram combater. Estas condutas, reprodutoras do autoritarismo, representam principalmente a conversão da família burguesa às ideologias do bem-estar do corpo, do sexo e do psiquismo, típicas das sociedades de consumo”. Para um maior aprofundamento, ver Costa (1984) e suas indicações.

¹⁰ Mello (1992), p.63.

pois impulsionou uma transformação qualitativa do padrão de desenvolvimento industrial do capitalismo. Por motivos diversos, o Brasil ficou à margem da história¹¹. Isto significa, do ponto de vista social, a ruptura do mecanismo básico de reprodução da sociedade: o seu conjunto de valores supracitados e a possibilidade de ascensão social.

A impossibilidade de empurrar com a barriga os problemas sociais acumulados, através da *fuga para frente*¹², leva à chamada cultura da violência¹³. A explicação deste fenômeno, para Cardoso de Mello, é que “o utilitarismo não é regulado por valores universais que garantam um mínimo de solidariedade social. Todos aferram-se àquilo de que dispõem hoje e pretendem tirar vantagem em oposição ao outro, usando todos os meios.”¹⁴

1.2 As mudanças no trabalho geradas pela 3ª Revolução Industrial

Para esta análise, Luciano Coutinho em seu clássico *A Terceira Revolução Industrial e Tecnológica* nos dá um bom substrato no que se refere à modificações na estrutura do trabalho. Segundo ele, os impactos desta revolução nos processos de trabalho são “a introdução da programação flexível (...) (que) exige a participação direta da força de trabalho na condução do processo”, a necessidade da “compreensão global do processo produtivo, o que exige um nível de qualificação amplo e polivalente dos operários”, a importância de se investir em treinamento e qualificação pois “aprofunda-se o nível de conhecimentos tácitos, não codificáveis e específicos de cada unidade fabril. Todos os impactos acima significam que os processos de trabalho se

¹¹ Para um maior aprofundamento, ver Baer (1993) e Carneiro (1991).

¹² Expressão de José Luís Fiori utilizada para mostrar como o pacto desenvolvimentista “resolve os problemas” do subdesenvolvimento através do crescimento.

¹³ Expressão cunhada por Freire Costa

¹⁴ Mello (1992), p. 64.

afastam do paradigma taylorista-fordista em que a divisão banalizada, fragmentária e repetitiva de tarefas é levada ao limite físico, em direção a um processo (ainda que transitório) em que a força de trabalho interage de forma criativa com um sistema de automação flexível”¹⁵. Coutinho tem uma visão positiva desta mudança no processo de trabalho pois ele permite uma diminuição da alienação provocada pelo trabalho (ainda que aparentemente transitória).

Uma visão alternativa e muito mais pessimista é apresentada por André Gorz, que traça um perfil do que seriam as tarefas do trabalhador ideal da Terceira Revolução Industrial: “these tasks would require the new type of worker to develop all-round intellectual capacities and manual skills and to understand the production cycle in its entirety. Work would demand of each individual both sovereignty and the ability to co-operate with other people.”¹⁶ “The new type of worker, the **process worker** who is the potencial key figure in the new type of factory is becoming increasingly common.”¹⁷. Esta visão é, basicamente, a mesma de Coutinho, mas Gorz a utiliza como contraponto para criticá-la a partir de três dimensões: a organização do processo de trabalho, a relação com o produto a ser produzido e a natureza das atividades e as faculdades humanas requeridas por ela. O novo tipo de trabalho passa a ser menos fragmentado que no modelo fordista e os trabalhadores realizam suas tarefas em grupos, fazem reuniões para dividir o trabalho e cada um tem responsabilidade sobre a manutenção da qualidade do produto e das máquinas. Mas isto é autonomia **no** trabalho e não **do** trabalho pois as tarefas do grupo de trabalhadores são pré-determinadas anteriormente por superiores externos à atividade em questão.

¹⁵ Coutinho (1992), pp. 72-76.

¹⁶ Gorz (1989), p. 74.

¹⁷ Inox, citado por Gorz (1989), p.76.

A relação com o produto a ser produzido, em conjunto com a formatação do processo de trabalho, cria uma alienação ainda maior do que a do padrão Taylorista pois “these workers do not transform or handle what they produce, (...) they are not specialists in the making of a particular product; they are specialists in repairing, regulating and programming of a particular type of machine.”¹⁸

No que se refere a questão da natureza do trabalho e das faculdades requeridas por ele, as mudanças também são significativas e acabam por fazer o trabalhador se tornar “funcionário da máquina”. O trabalho passa a ser uma obrigação: ele deixa de ser um processo contínuo e se torna a execução de tarefas pré-definidas quando necessário para manter em ordem o processo produtivo.

Portanto, esta nova elite de trabalhadores, os inseridos no sistema, torna-se ainda mais alienada, pois a substância tangível do trabalho foi abolida, junto com o trabalho físico. O trabalho passa a ser uma abstração, levando ao ápice o que Gorz chama de natureza matematizada¹⁹. Esta alienação, em conjunto com a falta de tempo provocada pelas jornadas de trabalho, favorece ainda mais o avanço tanto do utilitarismo, através da competição desenfreada e potencializada pela geração irrisória de empregos deste novo paradigma de desenvolvimento, quanto do narcisismo, pois as pessoas se isolam cada vez mais umas das outras. É importante ressaltar que a falta de tempo para fazer outras atividades tem dois graves problemas: as pessoas passam a querer trabalhar mais (horas extras, por exemplo) para poder consumir mais, por causa do acirramento da concorrência pessoal, e a faz a solidariedade entre as pessoas diminuir: não há mais tempo para se dedicar aos outros, o tempo que sobra precisa ser usado para o descanso de um trabalho exaustivo e/ou aborrecedor.

¹⁸ Gorz (1989), p. 78-79.

Por trás disto ainda há uma importante questão existencial levantada por Gorz: o objetivo da evolução dos processos produtivos é apenas poupar trabalho, não de tornar a vida das pessoas a principal fonte de sentido. Pois mesmo se você gostar do seu trabalho, mesmo que ele seja prazeroso, existem outras coisas importantes na vida para as quais não há mais tempo nos dias de hoje²⁰. Isto seria consequência do avanço da racionalidade econômica geradora do “The more the better” sobre a categoria utilizada anteriormente, de origem cultural ou existencial, “the sufficient”. Essa racionalidade não tem nenhum objetivo central além da máxima eficiência da produção, que gera o maior lucro possível, e da possibilidade de mais e mais consumo (esta discussão, que será feita no capítulo 2, deságua claramente no problema do consumismo e de suas perniciosas consequências).

Além das mudanças no processo de trabalho, já discutidas, pode-se dizer que a Automação Integrada Flexível é o símbolo da mudança no padrão de desenvolvimento industrial do capitalismo e é possibilitada pela diminuição rápida e contínua do custo de computadores cada vez mais poderosos. Estes são difundidos pela utilização de “mecanismos digitalizados (ou dirigidos por computadores) capazes de programar os processos de automação, de tal forma que os microprocessadores dedicados ou computadores dedicados passaram a guiar o sistema de máquinas ou partes deste.”²¹ A flexibilização é permitida pelo avanço da introdução de bens de capital com comando numérico (CN) e com comandos numéricos computadorizados (CNC), que permite a produção de mercadorias

¹⁹ A este respeito ver Gorz (1989).

²⁰ Estes problemas relativos ao trabalho e ao aumento da concorrência interpessoal são magistralmente discutidos por Gorz, que aponta soluções muito interessantes para o problema do desemprego e da desintegração social nos dias de hoje. Ver, principalmente, capítulos 7 a 11.

diferenciadas em grande escala (passa a ser possível, por exemplo, a produção de cada carro de acordo com a preferência de cada cliente, sem se perder os ganhos de escala).

O peso do complexo eletrônico também é uma mudança indiscutível: as indústrias eletrônicas crescem rapidamente em valor agregado, emprego e geração de renda. É o mercado em que a demanda cresce com maior celeridade. Além do mais, as indústrias tradicionais (siderúrgica e metal-mecânica) também passam a incorporar velozmente a microeletrônica a suas máquinas e equipamentos, aumentando significativamente sua produtividade.

As estruturas e estratégias empresariais são grandemente transformadas pela automação flexível já relatada e pelos avanços nas telecomunicações, que reduzem drasticamente as deseconomias de tamanho organizacional e os custos de transação intra-hierarquias nas grandes empresas. As mudanças nas telecomunicações e na informática “viabilizam o estabelecimento de relações mais próximas e proveitosas com clientes, fornecedores, prestadores de serviços, institutos de pesquisa, ou mesmo com concorrentes tradicionais, em certas áreas.”²²

No que tange às estratégias globais de atuação dos oligopólios mundiais, elas são uma das formas em que ocorre o aprofundamento da internacionalização do capital iniciada após a Segunda Guerra Mundial (as outras são a interdependência patrimonial e a conexão *on-line* do mercados financeiros e de capitais, ambos fora do âmbito desta discussão). Estas megacorporações mundiais passam a fabricar seus produtos em escalas globais, sendo feitos em apenas um país (exportando para o resto do mundo),

²² Coutinho (1992), p. 72.

ou tendo suas partes fabricadas em diversos lugares do mundo com a montagem dos produtos em um outro, movimento este guiado pelos custos de produção dos diversos países.

Pode-se dizer também que a noção de competitividade foi transformada e segue duas tendências básicas: a da competitividade sistêmica e das vantagens comparativas construídas. Percebeu-se que “a inovação privada flui com maior dinamismo nas economias em que a presença de externalidades benígnas combina-se com a interação acentuada entre empresa privada e as instituições públicas de ciência e pesquisa aplicada”²³, enfim, conclui-se que a competitividade tem uma dimensão sistêmica.

O conceito de vantagens comparativas baseadas nas dotação de fatores e de recursos naturais foi deixado de lado (não que não possuam nenhuma importância) em favor do conceito de vantagens comparativas construídas que são essencialmente dinâmicas, resultantes dos estratagemas privados e/ou públicos de investimento em inovação.

Outra mudança relevante, e de alguma forma inimaginável até pouco tempo atrás, é a competição através de alianças tecnológicas entre duas ou mais empresas concorrentes, baseadas em acordos de cooperação, projetos conjuntos, *joint-ventures*, entre outras. Isto representa um aguçamento da concorrência interoligopolista: estas alianças permitem o desenvolvimento de tecnologias que podem complementar as já usadas por seus criadores, reduzindo drasticamente os custos da inovação.²⁴

²² Coutinho (1992), p. 76.

²³ Coutinho (1992), p. 79.

²⁴ Os desafios colocados por esta Revolução Industrial ao Brasil são discutidos em Suzigan (1992).

1.3 O contexto macroeconômico atual

Mais que os problemas oriundos das turbulências dos mercados internacionais²⁵, a discussão sobre a economia brasileira atual deve enfatizar a questão do emprego, que pode ter sua gravidade facilmente visualizada no quadro 1. Mesmo num ano de conjuntura favorável, com crescimento mais que razoável do PIB (6%), ainda que aquém da média histórica, o desemprego numa cidade industrializada como Campinas foi de 14,6%. Portanto, o baixo crescimento econômico é o grande responsável pelo alto nível de desemprego e é provocado, principalmente, pela armadilha de câmbio valorizado/juros altos, num ambiente de rápida abertura financeira e comercial, utilizada para estabilizar a economia brasileira. Mas o problema do desemprego é também consequência de outros “esqueletos guardados dentro do armário”²⁶: a recessão dos anos do desastrado governo Collor, a crise da dívida externa dos anos 1980 com suas consequências sobre o emprego industrial, a não-realização de uma reforma agrária digna deste nome, enfim, é resultado de todas as heranças de exclusão social geradas por uma elite fechada em torno de si e de seus interesses²⁷.

²⁵ Esses problemas, da crise das bolsas e do sudeste asiático, gerados pela instabilidade crescente do cenário internacional, não fazem parte deste trabalho pois são, além de muito recentes, ligados à problemática do capitalismo contemporâneo sem amarras.

²⁶ A expressão “esqueleto guardado dentro do armário” é utilizada para ilustrar o problema de dívidas “esquecidas” e antigas que não eram contabilizadas no montante total da dívida pública. O raciocínio aqui é análogo.

²⁷ A discussão a respeito da união das elites ante a massa de excluídos deste país é soberbamente realizada por Fernandes (1975).

Quadro 1: Taxas de Desemprego dos Indivíduos de 10 Anos e Mais,
por Tipo em porcentagem da PIA

Ano de 1994	Aberto	Oculto	Total
Município de Campinas	9,4	5,2	14,6

Fonte: Fundação Seade - Pesquisa das Condições de Vida 1994

Quadro 2: Valor do PIB e Taxa de Crescimento do PIB, do Brasil

Ano	PIB a preços correntes em R\$ ^{1/}	Taxa de Crescimento do PIB (%)
1993	14 116 169 617	4,2
1994	360 919 362 029	6,0
1995	658 141 237 156	4,2
1996	752 877 271 040	3,0

Fonte: IBGE. 1/: 1996 é um estimativa do Banco Central do Brasil (Boletim nov/97).

A armadilha acima referida é calcada na estratégia neoliberal de combate à inflação conhecida como Consenso de Washington, que se baseou na utilização do câmbio nominal fixo em associação com as aberturas comercial e financeira previamente realizadas.

A abertura financeira foi de grande valia para o processo de estabilização pois possibilitou o acúmulo de reservas internacionais, pré-condição a uma estratégia de ancoragem cambial, via captação de capitais de curto prazo sensíveis às taxas de juros elevadas. Depois, o fluxo de capitais passou a ter a função de financiar o déficit de transações correntes recém-criado. É importante lembrar que o início dos anos 90 é um período de grande liquidez internacional já que os países centrais do capitalismo passavam por

um momento de estagnação²⁸ que os obrigava a manter as taxas de juros em patamares muito baixos. Portanto, havia muito capital especulativo pelo mundo afora em busca de taxas de juros atraentes, o que permitia estratégias de estabilização deste naipe. A elevação das taxas de juros realizadas pelo governo Itamar Franco em 1993 e 1994 permitiu o acúmulo de divisas pelo país. Isto foi essencial para a realização de tal processo de estabilização, afinal de contas, o saldo comercial e o balanço de transações correntes tendem a se deteriorar com rapidez e as reservas seriam a garantia do financiamento destes déficits sem moratórias. Tais déficits eram (e são) gerados pelos mais diversos motivos: desde a valorização cambial resultante da fixação do câmbio nominal num ambiente em que persiste, ainda que momentaneamente, uma inflação residual importante até a explosão do consumo pós-estabilização, provocada pela expansão do crédito e pelo fim do imposto inflacionário.

Mas este é apenas um dos lados da questão. A outra abertura, a comercial, também tem papel preponderante na derrubada da inflação. Aquela permitiu o controle desta pelo teto imposto aos preços dos produtos comercializáveis produzidos no Brasil por causa da entrada maciça de concorrentes estrangeiros via importação. Quando o câmbio era indexado pela variação da inflação interna²⁹, os preços dos bens comercializados no país podiam subir pois os preços dos concorrentes externos também se elevavam. Se o processo de indexação é interrompido, estabelece-se um teto para remarcação dos preços internos. Mas este efeito é potencializado pela aceleração do processo de abertura comercial, iniciado pelo governo Collor, tornando os produtos importados concorrentes fortíssimos à produção

²⁸ Este momento de baixo crescimento é explicado pelo estouro de uma bolha especulativa no mercado imobiliário japonês, pela dolorosa reestruturação da economia americana pós-crash de 1987 e pela necessidade dos países europeus se adequarem ao rígido monetarismo do Tratado de Maastricht. Sobre este assunto ver Tavares(1992).

nacional, dada a queda das barreiras tarifárias e não tarifárias e o câmbio valorizado.

Aqui aparece a importância da política cambial adotada pelo governo. Foi criado um teto para a taxa cambial, de R\$1=US\$1, que funcionava como estabilizador dos preços internos ao colocá-los frente aos produtos estrangeiros com preços estáveis. E mais: o câmbio ainda foi um instrumento potencializado de combate à inflação porque podia flutuar para baixo, isto é, podia se valorizar. Com a inflação residual³⁰ e a entrada maciça de capitais motivada pela taxa de juros, a taxa de câmbio se valorizou muito tornando os bens importados mais atraentes ainda e impondo uma pressão enorme sobre os produtores nacionais, que não podiam manter preços maiores que os importados para não perderem o seu *market-share* nem serem expulsos de seus mercados.

Destarte, a articulação entre a abertura comercial e financeira e a fixação do câmbio nominal permite a queda da inflação pela imposição do teto estável aos preços internos dos *tradeables*. A captação de reservas internacionais dá credibilidade e consistência ao plano pois permite o financiamento do déficit de transações correntes e o acúmulo de reservas internacionais, as quais seriam o seguro contra ataques especulativos ao real³¹.

²⁹ Isto tinha o objetivo de manter a competitividade das exportações brasileiras, num momento de necessidade de obtenção de elevados saldos comerciais.

³⁰ Esta inflação é gerada pelo fato de que uma parte da produção nacional de bens e serviços não sofre concorrência externa nem com a abertura comercial. É o caso dos serviços domésticos, cabeleireiros, imóveis, entre outros.

³¹ Isto, no entanto, é uma faca de dois gumes pois estas reservas são emprestadas, não pertencem ao governo. Ainda há outro problema: se for considerado o seu volume em relação ao montante de dinheiro e de títulos públicos de grande liquidez que podem deixar o país rapidamente, o seu decréscimo é altamente significativo. Ver Nogueira Júnior (1996).

Mas o custo do controle da inflação é muito elevado porque se utiliza um câmbio muito valorizado, que mantém uma pressão competitiva muito intensa sobre a indústria nacional, por causa da entrada maciça de bens importados. Isto eleva o déficit comercial, que tende a se agravar com o crescimento da economia pois o componente importado passa a aumentar enquanto insumo da produção nativa, sem falar no fato importantíssimo dos consumidores incluírem bens estrangeiros na sua cesta de consumo. Para financiar este déficit comercial de tendência crescente é necessário captar dinheiro no exterior, já que nossa conta de serviços é tradicionalmente deficitária e pouco flexível.³² Então, a solução é captar recursos de curto prazo no exterior, mediante taxas de juros elevadas. Mas isto tem consequências desastrosas.

Em relação aos juros altos, o problema é o desestímulo à atividade produtiva, o que acaba por deprimir o emprego. Portanto, a armadilha da estabilização consiste na impossibilidade de a economia crescer rapidamente para não inviabilizar o financiamento externo brasileiro. Se a economia brasileira começar a crescer aceleradamente, as importações disparam e o déficit do setor externo passa a ter problemas de financiamento. Portanto, não é possível crescer com geração de empregos em volume considerável. E esta situação é agravada pelo aumento veloz da enorme dívida pública que traz problemas para sua administração, pela expectativa de *default*, e para o controle do déficit público.

Outro problema gravíssimo do Plano Real é a desestruturação do setor industrial. Com a abertura comercial agressiva, nosso setor industrial, que

³² A entrada de investimentos diretos do exterior, uma possível forma de financiamento, só neste ano passado se tornou relevante. Mas a expectativa para este ano é que

vivia num contexto de grande proteção frente à concorrência estrangeira, passa a enfrentar uma pressão competitiva gigantesca, ainda mais numa situação de câmbio valorizado e juros internos elevados. Deste modo, passa a ocorrer uma quebra generalizada de muitas indústrias que não tiveram condições de se preparar para a competição internacional, o que traz muitos problemas. A exportação de elos da cadeia produtiva é um deles. A montagem de nossa indústria foi uma tarefa hercúlea, ainda que feita através das linhas de menor resistência. Esta exportação aumenta a nossa dependência do exterior, destruindo uma indústria que podia ser modernizada e que poderia melhorar as condições de inserção brasileira na globalização, além de gerar um desemprego brutal. Num contexto de mudança tecnológica rápida, o desemprego se torna um problema ainda mais grave³³. Mas no Brasil esta política econômica acaba por excluir postos de trabalho, exportando-os junto com os elos das cadeias produtivas. Há ainda um agravante: o crescimento lento da economia brasileira não gera empregos em quantidade suficiente para incorporar ao mercado de trabalho nem os jovens nem os que foram desempregados anteriormente³⁴.

É preciso levar em conta também a atual turbulência do mercado financeiro internacional. Com a crise do sudeste asiático, o país teve que elevar drasticamente as suas taxas de juros para manter elevada a captação de capitais de curto prazo, agora mais avessos ao risco, e para evitar o início de um ataque especulativo de grandes proporções à moeda brasileira. Junto com a política de retração fiscal, absolutamente necessária neste contexto para

o Investimento Direto do Exterior (IDE) cubra apenas metade do Déficit de Transações Correntes previsto pelos mais diversos analistas econômicos(±US\$32 bilhões).

³³ No Brasil este ainda é um problema menor, mas que aumenta rapidamente.

³⁴ Segundo Conceição Tavares, nem se o país crescer 6% ao ano fica garantida a reinserção dos desempregados pela recessão collorida e pelo crescimento lento dos dias de hoje.

diminuir a pressão sobre o déficit público³⁵, criam-se mais entraves, que já não eram poucos, ao crescimento da economia. Muitos investimentos que seriam realizados, foram sustados ou tiveram seu cronograma retardado³⁶, apontando para uma recessão no ano de 1998. Este quadro piora sensivelmente a situação do desemprego, que já é gravíssima, pois o emprego público será reduzido através da reforma administrativa e os investimentos privados perderão fôlego, junto com o nível de atividade da indústria.

³⁵ Através da diminuição dos encargos da dívida e pela contenção de gastos com pessoal, custeio e investimento.

³⁶ As exceções são os investimentos já em fase muito adiantada, de retardamento oneroso, e os investimentos que fazem parte da estratégia de concorrência dentro de determinada indústria (como é o caso da automobilística).

Capítulo 2

O narcisismo contemporâneo é um tema recorrente à psicanálise, à história e à filosofia. Montar um referencial teórico é importante para esta monografia no sentido de que o entendimento do narcisismo e de suas motivações é fundamental para apreender o que ocorre no interior das pessoas entrevistadas e, desta forma, compreender o impacto das mudanças econômicas em suas mentes.

A análise do narcisismo patológico de C. Lasch, essencial para esta tarefa, tem como ponto de partida as teses da Escola de Frankfurt. Diferentemente deles, Lasch considera os grupos de vanguarda radical dos anos 60 e 70 os verdadeiros obstáculos deste tipo de narcisismo. A frustração de não poder compreender o mundo e nem mudá-lo faz com que tais indivíduos abandonem a participação política em favor de uma estratégia de sobrevivência narcísica, calcada na liberação físico-sexual e num novo individualismo. A única motivação deste novo individualismo é o próprio prazer, em detrimento de qualquer compromisso com os outros e com a história.

Como características psicológicas, segundo sua análise, este novo sujeito terá os padrões típicos da cultura americana: “medo da velhice, fascínio pela celebridade, voracidade pela admiração pública, medo da competição, declínio do espírito lúdico, sensação de vazio interior, deterioração das relações entre homens e mulheres, frieza nas relações afetivas, habilidade calculada em impressionar os interlocutores, fome insaciável de novas experiências emocionais, etc.”³⁷ Disto depreende-se uma grande semelhança com os sintomas clássicos de narcisismo na análise psicanalítica, o que corrobora a hipótese laschiana: “insatisfação vaga e difusa; inconsistência das relações

amorosas; hipersensibilidade à frustração; sentimentos de futilidade e ausência de finalidade da existência; sensação permanente de tédio e vazio interior; depressão; quedas bruscas na auto-estima; nervosismo; dependência fugaz e automática frente a experiências afetivas calorosas, mesmo inconsequentes; medo desta dependência; sedução premeditada com vistas à manipulação do parceiro nas relações pessoais; humor auto-depreciativo; 'pseudo-autoinsight', etc.

Em última instância, toda esta dinâmica da patologia narcísica seria determinada pela existência de um superego punitivo e arcaico”³⁸

A partir destas considerações, Lasch apreende a modificação que se passou entre o ancestral, puritano e burguês, e o sujeito narcísico: “ o primeiro universo, constituído pela herança da tradição cultural burguesa, é formado pelo tríptico eixo da **religião, família e propriedade**, com seu corolário que é a ‘dignidade do trabalho livre’. Este trinômio ético é visto como ultrapassado e *demodé* por uns, repressivo e reacionário por outros. No segundo, a religião é contraposta à **ideologia do bem-estar físico-psicossexual**, a ética familiar antiga, ao **discurso técnico sobre a normalidade das relações entre os membros da família**, e a ética do trabalho, à **compulsão ao consumo supérfluo**. (grifos do autor)”³⁹. Portanto, abandona-se toda culpa, a moral, a repressão e a competição individual para surgir um novo homem “pretensamente liberado, permissivo e tolerante. Entretanto, (...), a permissividade e a tolerância existentes (...) significam profunda indiferença para com tudo que não seja do interesse exclusivo do próprio indivíduo.”⁴⁰

A motivação deste fenômeno narcísico é o devassamento do espaço privado e familiar, que perde a heteronomia que possuía frente a esfera social,

³⁷ Freire (1984) p.143, citando Lasch.

³⁸ Para uma melhor discussão deste tema, ver Freire (1984) p.143 e Lasch (1983). Estes livros também possuem uma boa fonte de referência bibliográfica.

³⁹ As palavras são de Freire, mas são absolutamente compatíveis com as considerações de Lasch.

nos moldes das discussões da escola de Frankfurt.⁴¹ O local que, real ou idealmente, o indivíduo possuía como “refúgio num mundo sem coração”⁴² é destruído pela passagem das relações sociais de reprodução para o controle estatal, que passa a fazer constantes ingerências nas relações familiares.

O narcisismo patológico, portanto, é a forma como se expressa, no psiquismo dos seres humanos, as mudanças sociais em curso. Um indivíduo que, pela falta de autoridade, pela estatização dos processos de reprodução etc. torna-se um doente por problemas psíquicos internos e/ou por consequência de uma sociedade doente. Esta discussão merece um maior aprofundamento pois a conclusão deixa transparecer alguns problemas da conceituação psicanalítica laschiana de narcisismo, os quais são sanados pela reformulação realizada por Jurandir Freire Costa.⁴³

Costa afirma que Lasch comete um erro grave ao considerar o narcisismo uma patologia social, pois toda cultura possui seu Tipo Psicológico Ideal, definido, entre outros motivos, pela aproximação do “modelo de conduta sadia”⁴⁴. Estes “modelos exprimem a ‘realidade psicológica’ derivada das visões de mundo dos diversos grupos e classes dominantes ou dos conflitos e negociações entre estes e os estratos dominados. A dinâmica social (oriunda) formula, reformula e estabiliza (...) modelos de conduta que se tornam (...) paradigmáticos do Tipo Psicológico Ideal. O perfil psicológico do homem ordinário calca-se (...) sobre este tipo ideal, que é parte da *identidade étnica* de todo sujeito (grifo do autor).”⁴⁵ Portanto, se o narcisismo dito patológico é parte da identidade étnica da cultura americana, ele não pode ser

⁴⁰Freire (1984), p.144.

⁴¹ Ainda que de maneira inversa ao diagnóstico de seus principais autores tais como: Habermas, Horkheimer, Adorno e Benjamin.

⁴² Expressão clássica utilizada por Lasch, título de um de seus livros.

⁴³ Para uma discussão mais aprofundada dos erros conceituais de Lasch, ver Freire (1984).

⁴⁴ Expressão cunhada por Devereux, citado por Costa (1984).

⁴⁵ Costa (1984), p148.

patológico simplesmente porque é o padrão social que designa a conduta psicológica ideal. Sendo o narcisismo um padrão de comportamento humano atual, um mecanismo mental aceito pela cultura de nossos tempos, ele não pode ser julgado como bom ou ruim para os indivíduos pertencentes a determinada sociedade pois “não temos nenhuma prova de fato ou teórica que nos autorize a dizer que a identidade étnica americana é mais ou menos patológica que qualquer outra identidade étnica.”⁴⁶ E se fosse realmente uma doença, como distinguir o normal do patológico se o patológico é considerado como normal para os padrões sociais? Para Jurandir, a forma correta de se descrever este narcisismo moderno é como regenerador, não como patológico.

Como a condição patológica é errônea, a conceituação do narcisismo regenerador dada por Freire Costa é a de mal-estar existencial, pois o sofrimento em questão se origina do descompasso entre o comportamento psicológico do indivíduo e as características do tipo psicológico ideal determinado pela cultura. É bom ressaltar novamente que esta tensão existe em todas as culturas, sem se colocar em questão se a ordem social é melhor ou pior para os indivíduos que nela vivem. Entretanto, uma cultura “pode (...) funcionar como estímulo psicopatogênico. Porém, isto ocorre não porque ela reproduz e fixa certos traços étnicos, mas porque, **ao universalizar estes traços, impõe a certos indivíduos um desempenho psicológico cujos requisitos excedem os meios de que dispõem estes indivíduos para atingirem os fins desejados.**”⁴⁷

E mais: Freire Costa considera o indivíduo narcísico como um sujeito violentado. “O investimento compulsivo no corpo que presenciamos hoje é uma maneira encontrada pelo indivíduo de limitar os efeitos violentos da sociedade de consumo”⁴⁸. Violência aqui é “toda ação traumática que conduz

⁴⁶ Costa (1984), p.149.

⁴⁷ Costa (1984), p. 149.

⁴⁸ Costa (1984), p. 169.

o psiquismo ou a **desestruturar-se completamente** ou a responder ao trauma através de **mecanismos de defesa, análogos à economia da dor**. Violência é toda circunstância de vida em que o sujeito é colocado na posição de **não poder obter prazer (...)**⁴⁹. O objeto-fonte da violência “ não é mau ou persecutório porque se furta ao desejo de prazer. (...) (Ele é) mau ou persecutório porque se **ausenta, falha ou falta (...)**”⁵⁰. Desta forma, as pessoas passam por diversas frustrações pois os seus sonhos de consumo nunca são satisfeitos já que são criados continuamente e são feitos para não serem alcançados. O que se percebe é que a sociedade de consumo liberou a humanidade de todos os seus jugos: todos foram alforriados para o livre gozar, sendo que só os incapazes não conseguem. “A imagem do corpo foi culturalmente transformada: (...) o corpo e o sexo são exaltados como **prova** das virtudes do capitalismo. Os indivíduos são convencidos de que nenhuma sociedade é ou foi capaz de outorgar tanta ‘**liberdade, autonomia, prazer e bem-estar**’ a seus membros. (grifos do autor)”⁵¹ Portanto, “a devastação da vida privada, tão bem descrita por Lasch, excedeu o que ele pôde supor. Tornando o corpo e o sexo objetos de consumo, o capitalismo moderno obrigou o indivíduo a adotar uma ‘estratégia de sobrevivência narcísica’ que pouco tem a ver com o prazer e muito a ver com a dor”⁵². Com a dor porque os indivíduos são compelidos a se comportarem como manda o figurino do consumo, mas isto não é possível porque ninguém está à altura do ideal do consumismo: “ele não foi criado (...) para saciar e dar prazer aos indivíduos,

⁴⁹ Costa (1984), p. 173. A dor é um dos mecanismos primordiais de defesa do psiquismo frente a cargas excessivas de excitação. Segundo Costa (1984), “o sujeito violentado vai procurar (...) tenta(r) afastá-lo (referindo-se ao trauma), anular a sua existência, inibir o ressurgimento de seus traços mnésicos ou evocá-lo para fixá-lo, assim como anticorpos diante de um corpo estranho. Este é o modelo da dor” (p. 176).

⁵⁰ Costa (1984), p. 176.

⁵¹ Costa (1984), p. 178.

⁵² Costa (1984), p. 169.

mas para mantê-los em estado de permanente insatisfação, que é o combustível do consumo.”⁵³

Isto quer dizer que o indivíduo precisa inocentar o corpo do sofrimento e da ameaça de morte, provocados pela violência consumista no seu interior, para superar os seus efeitos perniciosos. Esta situação de atribuição da responsabilidade para si e o investimento narcísico do corpo, segundo Freud⁵⁴, não são compatíveis com o equilíbrio mental. Para que isto não ocorra, o sujeito tem que contar com o apoio da cultura, através do contrato narcísico tradicional. Desta feita, a cultura legitima os álibis que permitem ao indivíduo inocentar a si e ao corpo da responsabilidade pelo sofrimento e pela morte, uma das formas fundamentais de surgimento do investimento narcísico no corpo⁵⁵. Mas, agora, o consumismo quebra este contrato. As mudanças econômicas, políticas e sociais tiram as armas que o sujeito tinha para defender a imagem amorosa do ego e do corpo pois o seu comportamento está sempre aquém do padrão ditado pela publicidade e pela mídia.

Destarte, é possível perceber que o avanço do capitalismo faz com que as outras esferas do mundo social sejam modificadas pela penetração da lógica econômica sobre elas. Estas outras esferas - cultural, política, religiosa, psicológica - passam a ser crescentemente mercantilizadas e submetidas à lógica do capital que se torna dominante. Isto acontece também por uma necessidade do movimento da acumulação do capital: mudanças na conformação da estrutura político-institucional. De tempos em tempos, modificações precisam ser feitas para que o sistema se readeque às necessidades da acumulação capitalista. “A resposta (normalmente) (...) consiste na tentativa de racionalizar administrativamente todas as áreas da vida social como a medicina, a educação, a família, o lazer e a própria vida

⁵³ Costa (1984), p. 180.

⁵⁴ Freud(1969), principalmente a partir do capítulo 4.

⁵⁵ O outro é o prazer. Ver Freud (1969).

comunitária de bairro e vizinhança. Desta forma são minados antigos códigos legisladores de instituições, como os corpos profissionais, e enfraquecidas outras instituições, como a família e a comunidade”⁵⁶. Estes movimentos tendem a destruir todos os valores que antes eram validados por lógicas diferentes, baseadas na tradição cultural, na religião. A solidariedade é um exemplo de valor que vai sendo posto de lado por um *ethos* individualista em que não há mais tempo para se pensar nos outros e nos rumos da sociedade. Só que o problema deste movimento é que não se colocam novos valores de validade universal que garantam um mínimo de coesão social. Portanto, o indivíduo perde suas referências sobre o que é certo e sobre o que é errado e “entra em parafuso”. Desta feita, o que lhe resta é olhar para dentro de si à procura de alguma referência, mas ao fazer isto, ele não encontra nada, pois não há nada de objetivo a encontrar. Isto impulsiona o desenvolvimento do utilitarismo e do hedonismo como valores aceitos socialmente, nos moldes da descrição de Lasch.

⁵⁶ Costa (1984), p.140.

Capítulo 3

3.1 A questão das perspectivas de futuro profissional

A análise das entrevistas demonstra que o referencial teórico é muito relevante. Por exemplo, a questão da integração ao mercado formal de trabalho teve uma gama considerável de respostas, apontando em duas direções básicas. A grande maioria dos entrevistados aponta problemas nesta inserção:

- "Péssima (as possibilidades de inserção), há poucas opções. O jeito é prestar concursos públicos." (Pedro)

- "O mercado não é pequeno, é minúsculo. Minhas chances são muito pequenas, eu tenho que batalhar demais para conseguir algo." (Mariana)

- "Minha expectativa é de que o mercado não está atendendo a demanda de mão de obra. E a tendência é piorar." (Bianca)

Depreende-se disto que a busca de soluções alternativas de emprego e a necessidade de esforço acima da média são requisitos desta inserção, que tem como pressuposto um mercado de trabalho em contração.

Por outro lado, há pessoas que percebem tais dificuldades mas não as consideram barreiras muito elevadas.

- "A concorrência é forte, a situação é difícil; mas se todo mundo consegue, por que eu não conseguiria?" (Pérsio)

- "No início eu sei que não vou ganhar muita grana. Mas eu sei que se eu trabalhar bastante, me esforçar, com alguns anos eu começo a me dar bem. Eu acho que quanto mais eu trabalhar, mais eu vou ganhar dinheiro e vou ser melhor profissional." (Sandro)

- "...mais cursos e complementos facilitam as coisas (a entrada no mercado de trabalho)." (Pérsio)

Esta percepção é muito ligada a dois fatos: primeiramente, estes estudantes estão no início de seus respectivos cursos e, segundo, fazem parte de uma elite de formação privilegiada, que é composta pelos alunos das universidades estaduais paulistas. Isto lhes dá a impressão de que não haverá problemas para entrar no mercado de trabalho.⁵⁷ A opinião de que as oportunidades são melhores agora, é, claramente, dos mais jovens e dos que estão nos anos iniciais de seu respectivo curso, o que corrobora a hipótese de que os alunos mais próximos da conclusão do curso vêem com mais clareza as dificuldades com relação ao futuro, sendo em geral, mais pessimistas.

O quadro macroeconômico também afeta a maneira como os jovens universitários encaram a entrada no mercado formal de trabalho, por gerar uma exacerbação da concorrência pelas melhores colocações e, deste modo, abrir mais espaço para o avanço do utilitarismo e do individualismo como valores sociais, como já discutido. Isto pode ser percebido pela ênfase dos entrevistados no esforço próprio, na competência pessoal e na importância dada ao desenvolvimento da capacitação pessoal como objetivos a serem alcançados para a entrada e posterior sucesso no mercado de trabalho.

Mas, ainda com relação a valores, vê-se uma outra característica importante que pode ser apreendida nas seguintes declarações:

- "(Eu pretendo ter) satisfação pessoal e dinheiro." (Antônia)

- "Pretendo e vou obter muito dinheiro, sucesso e realização." (Marcelo)

O hedonismo passa a ser assumido, sem pudores, como valor central para as pessoas. Abandonam-se os ideais antigos de se constituir uma família saudável e feliz, de ser reconhecido como bom pai, bom marido, de ser bem

⁵⁷ Empiricamente, isto pode ser verificado através da declaração de Bianca: "A expectativa não é das melhores, principalmente na área em que estou (economia) (...) Grande parte dos formandos do ano passado estão desempregados."

quisto pelos amigos. Desejam-se agora o bem-estar material, o prazer máximo e o sucesso como forma de ostentação, não como a admiração do seu círculo social. Tais afirmações corroboram e remetem a problemática traçada no início do capítulo 2.

3.2 A questão das perspectivas de futuro profissional

As expectativas com relação a profissão dos entrevistados convergem no que se refere à uma remuneração baixa nos anos iniciais.

- “No início eu sei que não vou ganhar muita grana. Mas eu sei que se eu trabalhar bastante, me esforçar, com alguns anos eu começo a me dar bem. Eu acho que quanto mais eu trabalhar, mais eu vou ganhar dinheiro (...).”
(Sandro)

- “Segundo o pessoal mais adiantado diz, a coisa não tá nada boa por aí. Tá é bem difícil. Não é compatível (com a minha capacitação), mas o quê que a gente pode fazer?” (Pérsio)

Tais assertivas confirmam a discussão do item anterior, a partir de um outro ponto de vista: o dos salários. Os salários dos profissionais recém-formados tendem a ser baixos, dada a sua pouca ou nenhuma experiência anterior. Mas esta remuneração também é afetada pela baixa geração de emprego discutida. Então, as expectativas não muito animadoras de inserção no mercado de trabalho destes universitários de classe média têm mais outra faceta: a baixa remuneração salarial no início da profissão.

Já no que tange ao futuro, os entrevistados acreditam numa remuneração mais elevada e numa situação profissional mais estável e cômoda.

- “Não tenho idéia. Acho que eu posso subir na vida, é só me esforçar.”
(Patrícia)

- “A elevação do nível de renda depende diretamente da elevação da quantidade de trabalho.” (Marcelo)

Estas declarações deixam transparecer uma aparente relação implícita entre aumento da capacitação profissional e elevação do nível de renda. A maior experiência profissional e o aumento dos estudos permitiriam ao indivíduo auferir uma renda maior. Isto é, basicamente, a teoria do capital humano, à qual se colocam muitas restrições quanto à sua validade na vida real, tal como todas as teorias neoclássicas⁵⁸. Não é o aumento da capacitação dos indivíduos que melhora a sua renda já que, então, bastaria o sujeito se qualificar que as oportunidades de emprego surgiriam.⁵⁹ Mas a massa de desempregados com formação superior (ainda que incompleta) que não encontram ocupação compatível com sua capacitação é um desmentido contundente que pode ser visualizado nos quadro 3 e 4. A porcentagem de pessoas à procura de emprego com terceiro grau completo e incompleto é pouco menor que a das pessoas com até primeiro grau completo (12,34% e 12,28%, respectivamente).

As oportunidades de emprego são mais influenciadas por outras variáveis, tais como a política econômica e o momento do ciclo econômico em que se encontra a economia. Portanto, neste caso, o senso comum deste grupo social não condiz com a realidade brasileira, confirmando o crescente desinteresse pelo que está acontecendo com o país e o mundo.

⁵⁸ Como diria C. Maciel, o problema das teorias neoclássicas é a necessidade de hipóteses muito restritivas para a suas validações.

⁵⁹ Segundo Gonzaga Belluzzo, numa crítica sagaz, a teoria do capital humano é a lei de Say do mercado de trabalho.

Quadro 3: Condição de Procura de Emprego da População em Idade Ativa (PIA), 10 anos ou mais

Ano de 1994	Procurou %	Não Procurou %	% do Total da PIA
Até 1º grau completo	12,28	87,72	66,53
Até 2º grau completo	15,45	84,55	17,91
3º Grau completo ou incompleto	12,34	87,66	15,44
sem informação	-	-	0,11
Total %	12,88	87,12	100,00

Fonte: Fundação Seade - Pesquisa das Condições de Vida 1994

Quadro 4: Condição de Atividade da População em Idade Ativa (PIA), 10 anos ou mais

Ano de 1994	Desemp. Aberto	Desemp. Oculto	Ocupado	Inativo puro	Inativo c/ trabalho excepcional	% do Total da PIA
até 1º grau	4,86	3,45	41,20	49,28	1,20	66,53
até 2º grau	7,65	2,47	61,86	27,88	0,14	17,91
3º grau completo ou incompleto	4,85	1,99	73,64	18,94	0,58	15,44
sem informação	-	-	-	-	-	0,11
total %	5,39	3,05	49,90	40,75	0,92	100,00

Fonte: Fundação Seade - Pesquisa das Condições de Vida 1994

Ainda com relação ao futuro, os jovens em questão desejam uma profissão e uma vida confortável e segura:

- “(Não tenho) nenhum objetivo além de ganhar uma grana boa para viver fora de casa com conforto. (Eu quero obter) um bom emprego para garantir uma vida estável. Garantir meu sustento com tranquilidade.” (Pedro)

Isto é uma possível demonstração da grande incerteza que perpassa a vida deste grupo nos dias de hoje. A busca de estabilidade, inclusive através de um emprego público, também retrata a falta de perspectivas no mercado, centro desta discussão, e a crescente dificuldade de manutenção do emprego.⁶⁰

As motivações para uma boa carreira são, em geral, satisfação pessoal, sustento garantido e desenvolvimento intelectual. Mas a carreira profissional tem diferentes significados para os entrevistados. Pode até significar o “prazer de fazer o que eu gosto” (Mariana) mas, majoritariamente, é o meio para se alcançar um objetivo totalmente desligado de uma vocação: estes estudantes estão mais interessados em ter uma ocupação que lhes garanta um fluxo de renda satisfatório do que em seguir uma vocação e/ou de fazer algo de que se goste. A opinião de Bianca sintetiza isto:

- “Não gosto de economia. Queria ser Veterinária. Fui descobrir que não gostava muito tarde. Então, resolvi terminar. **Acho que todo mundo tem capacidade pra trabalhar com qualquer coisa.** Pretendo ganhar uma grana e abrir uma loja de animais.”

3.3 A comparação com a situação dos pais

Na comparação com os pais, há dois tipos básicos de opiniões: os que consideram a situação atual melhor, principalmente por causa do progresso

⁶⁰ Não há dúvida a respeito. A rotatividade da mão-de-obra é cada vez maior e a precarização do mercado de trabalho aumenta com a redução do emprego industrial e o avanço da informalidade, só para citar alguns dos principais fatores.

tecnológico⁶¹, e a franca maioria que considera que hoje as condições de inserção no mercado de trabalho são muito piores. A opinião de que hoje é mais fácil, novamente, é compartilhada pelos mais jovens e pelos que estão no início de seu curso, também potencializada pela distância do mercado de trabalho.

Entre os que não compartilham desta opinião, há algo em comum. A história familiar pregressa é marcada pela ascensão no período do milagre. O começo da vida dos pais pode ter sido difícil, mas eles conseguiram uma oportunidade e não a deixaram escapar.

- “As coisas antigamente eram muito mais fáceis. Quem tinha graduação quase tinha garantia de uma boa situação financeira.” (Marcelo)

- “Antigamente era mais fácil. As pessoas tinham mais chances de subir na vida, agora é mais concorrido.” (Pedro)

- “O mercado de trabalho está saturado demais. Meu pai, com a minha idade, já tinha uma casa construída.” (Bianca)

Só que hoje, as oportunidades estão cada vez mais escassas. Aqui volta a ficar claro o grande problema: o aumento da concorrência no mercado de trabalho induzido pela crise na qual o país está mergulhado desde os anos 1980.

Em relação às mudanças ocorridas no mundo desde 1970, todas as respostas apontam numa direção clara: a globalização e a revolução tecnológica são as grandes transformações que permitem melhores oportunidades de desenvolvimento pessoal porque “(...)a vida antes era mais difícil, com o computador e as novas tecnologias, o mundo tem mais comodidade e facilidade de informação, o que torna as pessoas mais

⁶¹ Pode-se incluir aqui também o aumento do acesso a informação, fruto do desenvolvimento das telecomunicações, e a possível ascensão social gerada pela obtenção do diploma de curso superior. A este respeito ver Quadros (1991).

informadas e inteligentes” (Sandro). Realmente, a globalização é a palavra da moda nos dias de hoje nos mais diversos meios de comunicação, nas ciências sociais em geral e, como não poderia deixar de ser, em qualquer discussão a respeito do futuro do Brasil. Mas globalização é uma palavra que pode significar muitas coisas e gera variadas interpretações: desde uma idéia geral de aldeia global reunindo todos os seres humanos como irmãos até uma conceituação mais formal, de globalização como uma nova etapa do processo de internacionalização do capital.⁶²

A Revolução Tecnológica que engendra a transformação radical no padrão de industrialização e consumo dos principais países capitalistas tem, na opinião dos entrevistados, uma associação clara com o conforto material e o maior acesso à informação. Esta é uma relação correta, pois tal revolução rebaixou absurdamente os preços de bens de consumo antigamente considerados de luxo e promoveu uma revolução nas comunicações entre as pessoas ao redor do mundo (internet, telefones celulares, entre outras inovações). Portanto, os entrevistados percebem, embora não as compreendam, as modificações que ocorrem no mundo.

3.4 A discussão dos relacionamentos

Quando questionados a respeito da importância da família, há uma unanimidade: a família é tudo, é a essência. Ela representa a “estabilidade”, a “base da base”, significando, aparentemente, o “refúgio num mundo sem coração” a que Lasch se refere. Abrindo um pouco mais, ela “é muito importante porque foi a minha família que me deu a oportunidade de ser e fazer o que faço.” (Marcelo)

⁶² Esta discussão é realizada no item 1.3.

- "Total. A família me dá afeto, carinho e sustento. E me deu apoio para eu fazer o que eu bem entender." (Mariana)

- "Super importante, é a base da base e ajuda demais. Morar com a família é uma mão na roda. Sempre tem carro na mão, roupa lavada..." (Antônia)

É possível inferir destas declarações que a família dá condições materiais de desenvolvimento excepcionais para tais estudantes. Nenhum entrevistado indica alguma restrição material grave pela qual tenha passado. Portanto, ficam implícitas as vantagens de morar em casa, em detrimento do ideal das gerações anteriores que almejavam sair de casa em busca de liberdade e independência. O conforto do lar e a segurança da proximidade dos pais são mais valorizados pelos universitários de hoje do que a liberdade de fazer o que bem entender, de não ser obrigado a dar satisfações e de aprender a se virar sozinho, com independência. Isto indica um comodismo muito grande destes jovens, o que implica uma crescente alienação porque dá trabalho se informar e entender o mundo. Mostra também uma atitude hedonista, pois aprender a viver fora de casa, ser independente, entre outras coisas, não são mudanças prazerosas na vida deles, implicariam perda de conforto e, portanto, de prazer.

No que se refere aos amigos, nova unanimidade se revela. Todos têm ótimas relações com seus amigos, embora haja uma dificuldade de expressar o que se sente e o que se valoriza nestas relações. Um exemplo disto é: "Eu valorizo a lealdade, não, como eu poderia dizer, sei lá, a compreensão, sabe? É, a compreensão é a base" (Antônia). A dificuldade em definir as relações com os amigos aponta uma valoração muito intensa da confiança, deixando a impressão de que os amigos tem uma função primordial: serem confidentes.

- "São boas, tenho poucos bons amigos, amigos mesmo. O que eu valorizo neles é a confiança." (João)

- "Eu, como uma pessoa de marketing, aprendi a controlar as minhas relações. Se bem que às vezes falha. Mas no geral são boas. Valorizo sempre a amizade e a fidelidade." (Marcelo)

A confiança é a palavra-chave das amizades de hoje. Uma outra característica em alta é a compreensão, o que demonstra uma certa ansiedade das pessoas por serem entendidas, perceberem-se como pessoas normais. Isto revela a influência do ideal do consumismo, conforme o exposto no capítulo 2.

Aqui pode-se indagar a ausência da solidariedade como valor relevante para a grande maioria dos entrevistados. A reciprocidade é citada mas, ainda assim, não se dá importância à solidariedade social, ao elã que permite que as pessoas possam contar umas com as outras sem ser por puro interesse próprio. Isto configura claramente o narcisismo dos jovens de hoje: exige-se total confiança, compreensão e apoio dos amigos, mas só se retribui quando é conveniente.

Conclusão:

Este trabalho, inicialmente, discutiu como a inserção social dos jovens universitários de classe média da cidade de Campinas é afetada pelo contexto macroeconômico nacional e pelas mudanças geradas pela 3ª Revolução Industrial. O contexto de baixo crescimento econômico persistente (17 anos) realmente aumenta a concorrência interpessoal por postos de trabalho cada vez mais escassos, tornando o utilitarismo um valor cada vez mais forte.

As entrevistas confirmam esta hipótese teórica porque os jovens, em sua maioria, percebem as dificuldades da inserção no mercado de trabalho formal buscando complementar a sua formação com cursos extra-curriculares. Os baixos salários também são motivo do aumento da especialização, já que os problemas de inserção são complementados pela falta de experiência, fator de diminuição dos salários.

Uma inferência errônea realizada por estes campineiros é a de que o aumento da capacitação significa diretamente a elevação do nível de renda, pois o nível de desemprego das pessoas que têm terceiro grau completo ou incompleto é praticamente o mesmo do correspondente aos indivíduos que possuem até o primeiro grau de instrução.

Outra solução pensada pelos universitários para tal problema são os concursos públicos, que também representam uma maior estabilidade e um salário razoável. É um sinal da enorme incerteza que perpassa a vida deles, retratando as dificuldades da inserção no mercado de trabalho. As pessoas que não consideram as dificuldades de inserção no mercado formal estão mais distantes do momento de entrada e possuem uma visão idílica porque se

sentem parte de uma elite (os alunos das universidades paulistas). O avanço do utilitarismo é percebido pelas declarações dos entrevistados, que enfatizam a importância do esforço próprio, da competência e do desenvolvimento pessoal.

A vocação é um fator deixado de lado em favor de alguma carreira a qual proporcione um fluxo monetário que permita o acesso ao universo do consumismo, que nunca traz satisfação. As necessidades e os bens supérfluos são criados em volumes cada vez maiores, deixando as pessoas sempre aquém do ideal de consumo. Dessa forma, nunca se consome o suficiente para uma plena satisfação.

As mudanças provocadas pela III Revolução Industrial, relatadas no item 1.2, são claramente percebidas pelos indivíduos. Mas esta percepção é distorcida pela falta de interesse pelos acontecimentos e de uma visão muito otimista do que significa a globalização e a própria III Revolução Industrial. O que os jovens vêem é o aumento do conforto e do acesso a bens de consumo de luxo. Os problemas e entraves postos à indústria nacional, o desemprego tecnológico, o avanço do poder privado frente aos Estados Nacionais não são percebidos por nenhum dos entrevistados.

A falta de interesse já citada é um claro sinal de comodismo e de conformismo, mostrando a mudança de valores gerada pelo avanço do capitalismo. O hedonismo é mostrado pela falta de vontade de se fazer qualquer coisa que implique uma perda de prazer, ainda que momentânea, como aprender a viver fora de casa e entender o mundo. Dessa forma, a solidariedade é posta de lado pois, em geral, ela não dá nenhum prazer.

O hedonismo, então, demonstra o abandono dos valores da família burguesa tradicional, reacionários e repressivos para uns ou *demodé* para outros, em prol da ideologia do bem-estar físico-psicossexual. A adoção desta ideologia leva estas pessoas a necessitarem cada vez mais dos amigos para obterem aprovação social, sentirem-se normais, admiradas, apontando claramente para um narcisismo regenerador nos moldes de Jurandir Freire Costa.

Este narcisismo consiste na maneira encontrada pelo indivíduo para limitar os efeitos violentos da impossibilidade de cumprir o ideal do consumo, sendo ele reflexo da destruição das referências culturais que apoiavam o sujeito violentado. A lógica do capital, ou melhor, a racionalidade econômica torna-se dominante e tende a aniquilar as formas como o indivíduo retirava de si a responsabilidade pelo sofrimento. A sociedade de hoje impõe a todos a obrigação de gozar e de consumir compulsivamente, impingindo o rótulo de doente ou incapaz aos que não conseguem.

Bibliografia

- Baer, Monica. *"O Rumo Perdido: A Crise Fiscal e Financeira do Estado Brasileiro "*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1993
- Bellah, Robert. *"Hábitos del Corazón"*. Madrid: Alianza Editorial, 1989.
- Carneiro, Ricardo de Medeiros. *"Crise, Estagnação e inflação: (A economia Brasileira nos Anos 80)"*. Tese: IE/UNICAMP, 1991.
- Costa, Jurandir Freire. *"Violência e Psicanálise"*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1984.
- Coutinho, Luciano. *"A Terceira Revolução Industrial e Tecnológica"*. In: *Economia e Sociedade* n.1, agosto de 1992, pp 69-87.
- Durham, Eunice Ribeiro. *"O Caminho da Cidade: a vida rural e a migração para São Paulo"*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1973.
- Fernandes, Florestan. *"A Revolução Burguesa no Brasil: Ensaio de interpretação sociológica"*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1975
- Freud, Sigmund. *"Além do princípio do prazer"*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1969.
- Gorz, André. *"Critique of Economic Reason"*. London: Verso, 1989.
- Júnior, Paulo Nogueira Batista. *"O Plano Real à Luz das Experiências Argentina e Mexicana"*. In: *Estudos Avançados* nº27. São Paulo: Ed. Edusp, 1996.
- Lasch, Christopher. *"A Cultura do Narcisismo"*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1983.
- Mello, João Manuel Cardoso. *"Consequências do Neoliberalismo"*. In: *Economia e Sociedade* n.1, agosto de 1992, pp 59-67.
- Quadros, Waldir José de. *"O 'Milagre Brasileiro' e a expansão da Nova Classe Média"*. Tese de Doutorado: IE/Unicamp, 1991.
- Suzigan, Wilson. *"A Economia Brasileira Após uma Década de Estagnação"*. In: *Economia e Sociedade*, agosto de 1992, pp. 89-110.
- Verri, Beatriz Chiariello. *"A elite Campineira na Década de Oitenta"*. Monografia: IE/Unicamp, 1993.

Tavares, Maria da Conceição. *“Ajuste e Reestruturação nos Países Centrais”*. In: *Economia e Sociedade* n.1, agosto de 1992, pp 21-58.

Anexo 1

Questionário de Pesquisa

Bloco A: *Questões para definir a adequação do entrevistado ao perfil desejado*

- 1.Você cursou seu colegial em que tipo de instituição: privada e/ou pública? Qual curso você faz e em que ano você está?
- 2.Você viaja com frequência? Para onde?
- 3.Na sua casa tem TV a cabo? E carros, quantos tem?
- 4.A casa onde você mora é própria? Sua família tem alguma outra propriedade (imóvel urbano edificado, não-edificado, propriedade rural)?
- 5.Qual a profissão e o grau de instrução do seus pais?

Bloco B: *Perguntas para identificar a inserção profissional do indivíduo*

1. Qual sua expectativa de inserção no mercado de trabalho? Como você descreveria a situação concorrencial nele hoje?
2. O que você pretende obter da sua carreira profissional? Qual a importância dela na sua vida?
3. O curso que você faz é suficiente para prepará-lo para o mercado de trabalho? Que outras formas você utiliza para aumentar a sua preparação? Você se considera capacitado?
4. Qual a expectativa de rendimento que você espera obter inicialmente no exercício da sua profissão? Quais são as perspectivas de elevação do seu nível de renda? Você a considera compatível com a sua educação e a sua capacitação?

5. Como você compararia as suas condições e as oportunidades de ascensão social com a de seus pais no momento de entrada no mercado de trabalho? Quais são as grandes modificações que você nota entre estes dois períodos de tempo?

6. Se você pudesse fazer o que bem entender, faria isso mesmo? A área que você escolheu lhe satisfaz integralmente?

Bloco C: indagações a respeito da socialização do indivíduo em questão

1. Qual a importância da família para você? Como são as relações com seus pais?

2. Como são as relações com as pessoas próximas? O que você valoriza nestas relações?

Anexo 2 - Resposta dos Questionários de Pesquisa

N. 1: Antônio, 23 anos

Questões Bloco A

1. "Privada. Faço educação e sou formanda."
2. "Sim, nas férias". Não especificou.
3. "Sim. Em casa tem 3 carros."
4. "É, outra casa."
5. "Meu pai é formado em engenharia agrônoma. Minha mãe é dona de casa e tem segundo grau completo."

Questões Bloco B

1. "Difícil mas a gente tem mesmo que batalhar a desse jeito a gente consegue se dar bem e tirar uma grana. Terrível, você não imagina o que é ser pedagoga nos dias de hoje."
2. "Satisfação pessoal e dinheiro para me sustentar. Não sei dizer."
3. "Não, muitas matérias são feitas por obrigação. O jeito de ganhar espaço é entrando logo no mercado, aprendendo com o trabalho e buscando manjar de outras áreas. Sim, acho que sim."
4. "Já estou trabalhando numa área um pouco diferente da minha e estou ganhando uma certa grana, suficiente para mim. Como formada em pedagogia, a situação não é nada fácil. Por isso o jeito é buscar trabalhar em áreas próximas como a de editoração como eu faço."
5. "As minhas são francamente melhores, a gente tem mais chance de estudo, mais informação. Pouca coisa, o conforto dentro casa, talvez."

6. "Não, faria artes plásticas. Mas as possibilidades de futuro não são muito animadoras. Sim, em termos. Gosto de trabalhar com crianças e educação."

Questões Bloco C

1. "Super importante, é a base da base e ajuda demais. Morar com a família é uma mão na roda. Sempre tem carro na mão, roupa lavada... Nossas relações são super boas, meus pais são super legais. Iguais."

2. "Super boas, tenho muitos amigos. Eu valorizo a lealdade, não, como eu poderia dizer, sei lá, a compreensão, sabe? É, a compreensão é a base."

Resposta dos Questionários de Pesquisa

N. 2: Patrícia, 20 anos

Questões Bloco A

1. "Escola pública. Eu faço engenharia elétrica, primeiro ano."

2. "Mais ou menos. Nas férias, sim. Para praia."

3. "Sim. O do meu pai e o da minha mãe."

4. "Não, é financiada."

5. "Os dois tem segundo grau. Professora e meu pai, gerente de banco."

Questões Bloco B

1. "São melhores que a dos outros, de outras faculdades. Mercado é concorrido."

2. "Satisfação pessoal e desenvolvimento intelectual contínuo. Não sei."

3. "Não, o curso precisa de professores mais inseridos no mercado de trabalho, precisa ser mais voltado para isso. Eu acho que poderia ser melhor também se a gente tivesse uma formação mais com matérias de humanas. Nada, mas já fiz curso de inglês. Quando terminar o curso, eu acho que sim."

4. "Não tenho idéia. Acho que eu posso subir na vida, é só me esforçar. Sim, pelo menos espero que sim."

5. "Hoje são muito melhores que antes. Com certeza. Eu tenho a oportunidade de estudar numa universidade ótima, o que os meus pais não tiveram."

6. "Não, mas sabe como é que é, fazendo engenharia a gente une o útil ao agradável. Não é exatamente o que eu queria mas dá um bom retorno, sabe?"

Questões Bloco C

1. "Total, é muito importante. São relações ótimas, meus pais sempre me ajudaram muito."

2. "São boas. O importante numa amizade é a confiança, a possibilidade de se divertir, sabe, de crescer junto com eles e de ser melhor."

Resposta dos Questionários de Pesquisa

N. 3: João, 24 anos

Questões Bloco A

1. "Privada. Engenharia elétrica, primeiro ano de mestrado."
2. "Sim, sempre que posso. Ah, pelo Brasil, praia, coisas assim."
3. "Sim. O meu, o do meu pai e o da minha irmã."
4. "Sim. Tem uma loja, um pequeno comércio."
5. "Mãe: professora secundária; e o pai, engenheiro."

Questões Bloco B

1. "Fácil, eu pretendo seguir a carreira acadêmica. Não vejo problemas de concorrência."
2. "A satisfação de poder empregar minha capacidade e utilizá-la tanto para o ensino como para a indústria."
3. "Para o mercado de trabalho a graduação é suficiente. Já quem faz mestrado ou faz para aperfeiçoamento ou para não ficar desempregado. Eu faço mais pelo primeiro motivo. Sim, para o que eu faço eu sou capacitado."
4. "A de um mestrando, depois de um doutorando e depois de um professor, se possível como os daqui. Ah, é justo."
5. "As chances são iguais, o que muda é a força de vontade. O desenvolvimento da ciência e da tecnologia, com certeza."
6. "Sim, é isto que eu gosto. Totalmente."

Questões Bloco C

1. "A família é o equilíbrio, é tudo. Nossas relações são ótimas."
2. "São boas, tenho poucos bons amigos, amigos mesmo. O que eu valorizo neles é a confiança."

Resposta dos Questionários de Pesquisa

N. 4: Sandro, 23 anos

Questões Bloco A

1. "Privada. Faço engenharia elétrica, quinto ano."
2. "Razoavelmente. Feriados prolongados e férias. Eu costumo ir pra praia."
3. "Instalou há mais ou menos uns dois meses. Tem 3 carros."
4. "Sim, a casa é do meu padrasto. Não."
5. "Minha mãe é diretora de escola pública. Meu pai é comerciante."

Questões Bloco B

1. "É boa, eu faço uma das melhores faculdades do Brasil e tenho dois estágios e uma iniciação científica nas costas. A situação é de grande concorrência mas o que vale é a competência."
2. "Um emprego de futuro, onde eu possa fazer o que eu gosto, não trabalhar como executivo, mas sim como engenheiro. Tudo que a gente tem é fruto do nosso trabalho e do nosso estudo."
3. "Não, não é suficiente, falta maior atenção às necessidades do mercado. Eu faço curso de inglês por conta própria, iniciação científica e estágio. Eu acho que estou capacitado, sim."
4. "No início eu sei que não vou ganhar muita grana. Mas eu sei que se eu trabalhar bastante, me esforçar, com alguns anos eu começo a me dar bem. Eu acho que quanto mais eu trabalhar, mais eu vou ganhar dinheiro e vou ser melhor profissional."

5. “Meu pai teve uma vida difícil, um começo muito duro, trabalhando desde pequeno. A minha mãe virou professora e, agora, chegou a diretoria da escola dela. Pensando assim, eu estou em condições bem melhores que eles. Eu tenho muito mais oportunidades. Ah, a vida antes era mais difícil, com o computador e as novas tecnologias, o mundo tem mais comodidade e facilidade de informação, o que torna as pessoas informadas e inteligentes.”

6. “É, eu gosto disso mesmo. Eu queria era continuar trabalhando nisso, sem ter que passar para cargos burocráticos.”

Questões Bloco C

1. “ A família é a principal coisa que eu tenho. Sabe, os irmãos a mãe, tudo isto garante a minha estabilidade e o meu crescimento espiritual. A minha relação com o meu pai é meio difícil mas com a minha mãe é ótima. Ela era militante nos tempos da ditadura e é super compreensiva.”

2. “Eu tenho amigos dos mais variados tipos. Gosto de todos eles. Eu valorizo o companheirismo e a compreensão.”

Resposta dos Questionários de Pesquisa

N. 5: Marcelo, 23 anos

Questões Bloco A

1. “Pública e privada, Comunicação - Puccamp. Faz 5 anos que entrei.”

2. “Sim, sei lá para vários lugares.”

3. “Sim, 3 carros.”



4. "Sim, tem propriedade rural e imóvel urbano não edificado."
5. "Funcionários Públicos, Superior Completo os dois."

Questões Bloco B

1. "Minha expectativa é muito boa, acredito que muito melhor do que outros universitários. No meu caso a concorrência é muito baixa, quase nula. Mas com relação ao mercado em geral a inserção é muito difícil e a concorrência é muito alta, sendo a graduação insuficiente em matéria de concorrência."

2. "Pretendo e vou obter muito dinheiro, sucesso e realização. sem ele não tem como viver. Se tivesse, garanto que agora em vez de estar respondendo este questionário estaria na praia tomando cerveja e pegando onda."

3. "Não. Acredito que poucos cursos preparam totalmente o aluno para o mercado. Existe uma diferença muito grande entre Universidade e mercado de trabalho. A Universidade proporciona uma base para que você tenha subsídios para se aperfeiçoar depois. Eu mesmo na minha curta carreira profissional já descobri coisas que na universidade são passadas como corretas e no mercado de trabalho são absurdas. Isto acontece devido ao fato dos professores seguirem carreira acadêmica sem nunca terem atuado de fato no mercado"

4. "Espero ter um rendimento muito alto. A minha empresa está sendo montada e estruturada para este fim, num nicho de mercado inexplorado na área de marketing. O elevação do nível de renda depende diretamente da elevação da quantidade de trabalho. Sim."

5. "As coisas antigamente eram muito mais fáceis. Quem tinha graduação quase tinha garantia de uma boa situação financeira. Hoje não é

mais assim. Graduação não é nada sem pós graduação, três línguas, vivência no exterior, experiência e muita sorte.”

6. “Se eu pudesse fazer o que quisesse estaria na praia tomando sol , cerveja e olhando a mulherada. Esta seria uma situação ideal. Mas considero o exercício da minha profissão também uma situação ideal.”

Questões Bloco C

1. “É muito importante porque foi a minha família que me deu a oportunidade de ser e fazer o que faço. A minha relação com minha mãe é muito boa e com meu pai razoável, mas acredito que mesmo assim é muito melhor do a deles com meus avós.”

2. “São muito boas. Eu como uma pessoa de marketing aprendi a controlar as minhas relações. Se bem que às vezes falha. Mas no geral são boas. Valorizo sempre a amizade e a fidelidade.”

Resposta dos Questionários de Pesquisa

N. 6: Pedro, 23 anos

Questões Bloco A

1. “Privada. Estatística, último ano.”
2. “Sim, Brasil afora.”
3. “Sim. 4 carros,”

4. "Sim, apartamento. Sim, um sitiozinho em Vinhedo."
5. "Minha mãe é funcionária pública , tem superior completo, e meu pai é advogado e diretor de banco."

Questões Bloco B

1. "Péssima, há poucas opções. O jeito é prestar concursos públicos."
2. "Um bom emprego para garantir uma vida estável. Garantir meu sustento com tranquilidade."
3. "Até é, mas o mercado é muito pequeno. Minha capacitação é boa porque já morei um ano fora, falo inglês fluentemente, e gosto de mexer em computadores."
4. "Nenhum objetivo além de ganhar uma grana boa para viver fora de casa com conforto. se eu passar em um desses concursos, minhas expectativas são ótimas. Por consequência, sim."
5. "Antigamente era mais fácil. As pessoas tinham mais chance de subir na vida, agora é mas concorrido. O fato novo é a globalização."
6. "Não, seria jogador de vôlei. A profissão não é tudo, é um meio de vida."

Questões Bloco C

1. "Tudo. Ainda mais como filho mais novo, sempre fui mimado pela família e adoro e sou adorado por ela."
2. "Super próxima, adoro meus amigos. O que gosto numa pessoa é a capacidade de ser divertida, ser inteligente e a confiança."

Resposta dos Questionários de Pesquisa

N. 7: Mário, 24 anos

Questões Bloco A

1. "Privada. Física, mestrado."
2. "Sim, Brasil e praias. Nordeste quando dá."
3. "Sim. Tem 4 carros."
4. "Sim. Tem mais duas casas alugadas."
5. "Meu pai é microempresário e administrador de empresas, e a minha mãe é de casa."

Questões Bloco B

1. "O mercado é muito pequeno, mas eu estou indo muito bem no mestrado, fiz uma ótima graduação, e junto com o doutorado, eu acho que terei uma boa inserção."
2. "Poder me desenvolver intelectualmente de forma contínua e ter estabilidade na vida. É grande o seu espaço na minha vida, toma grande parte dela."
3. " Se você considerar o meu mercado, o curso é ótimo. Mas é difícil, e já elimina uma grande parte de concorrência. Eu dou aulas em cursinho, faço espanhol e pratico esportes. Sim."
4. "De ganhar um salário de doutorando. Se eu conseguir um bom emprego numa universidade boa, será ótimo. Eu acho que pelo tempo de dedicação que já tive e terei, eu merecia mais."
5. "A diferença é que o mercado hoje é mais competitivo que antes. A gente tem que se esforçar, mas meus pais também tiveram e se deram bem. Eu

acho que tem é que a gente tem que se virar. A mudança maior é o progresso da ciência, a evolução do conhecimento científico.”

6. “Sim, eu gosto muito do que eu faço. Ah, sim. Eu tenho uma vida ótima.”

Questões Bloco C

1. “Total. A família e a religião, e os amigos, são tudo na vida de uma pessoa. As minhas relações com eles são muito boas.”

2. “Tenho ótimos amigos e sou muito próximo deles, a gente sempre faz churrascos, sai à noite e se diverte. A confiança e a reciprocidade.”

Resposta dos Questionários de Pesquisa

N. 8: Morena, 20 anos

Questões Bloco A

1. “Privada. Dança, primeiro ano.”

2. “Sim, Brasil.”

3. “Sim. 3 carros.”

4. “Sim. Dois terrenos.”

5. “Pai: engenheiro, e mãe, arquiteta.”

Questões Bloco B

1. “O mercado não é pequeno, é minúsculo. Minhas chances são muito pequenas, eu tenho que batalhar demais para conseguir algo.”

2. "Prazer de fazer o que eu gosto, ganhar dinheiro será secundário."

3. " Pensando bem, o curso é bom. Mas é difícil, eu tenho que batalhar, arranjar espaço, fazer coisas por fora, se não, não dá. Sim, em parte, pois nunca é bastante."

4. "Como eu já disse, péssimas. Mas conto com a ajuda da minha família e com a vocação. Pois eu gosto muito do que faço, portanto, espero ganhar uma graninha. Claro que não, a profissão no Brasil é muito desvalorizada, muito pouco estimulada."

5. "Mais difícil, apesar de que meus pais ralaram pra caramba. A globalização."

6. "Sim, eu adoro o que eu faço. Com certeza."

Questões Bloco C

1. "Total. A família me dá afeto, carinho e sustento. E me deu apoio para eu fazer o que eu bem entender. Adoro meus pais."

2. "Tenho boa proximidade deles. Confiança, reciprocidade."

Resposta dos Questionários de Pesquisa

N. 9: Pérsio, 22 anos

Questões Bloco A

1. "Privada. Engenharia mecânica, primeiro ano."

2. "Sim, Brasil."

3. "Sim. Tem 3 carros em casa."
4. "Sim." Não disse nada sobre outros imóveis.
5. Pai: advogado. Mãe: dona de casa.

Questões Bloco B

1. "A concorrência é forte, a situação é difícil mas se todo mundo consegue, por que eu não conseguiria."
2. "Meio de vida, mas eu gosto desta área. A carreira é importante, sem dúvida."
3. "O curso é suficiente. Mas mais cursos e complementos facilitam as coisas. Por enquanto não, pois estou no primeiro ano."
4. " Segundo o pessoal mais adiantado diz, a coisa não tá nada boa por aí. Tá é bem difícil. Não é compatível mas o que que a gente pode fazer? O avanço da ciência."
5. "Mais difícil, meu pai ralou muito mas é muito mais fácil ganhar dinheiro sendo advogado do que engenheiro."
6. "Sim, eu gosto de mecânica. Sim"

Questões Bloco C

1. " Eu sinto eles muito próximos de mim. A gente briga um pouco mas nada de anormal."
2. "Eu sou meio engração, o pessoal gosta, fica amigo fácil. A amizade precisa de confiança e de pessoas legais."

Resposta dos Questionários de Pesquisa

N. 10: Bianca, 22 anos

Questões Bloco A

1. "Privada. Economia, 22 anos, formanda."
2. "Sim, para praia."
3. "Sim. 2 carros."
4. "Sim, moro. Não."
5. Pai: engenheiro e advogado. Mãe: socióloga.

Questões Bloco B

1. "Minha expectativa, é de que o mercado não está atendendo a demanda de mão de obra. E a tendência é piorar."
2. " A forma de eu conseguir a abrir minha a loja de animais."
3. "A faculdade não é suficiente. Para ser qualificado, é necessário ter prática adquirida em programas de estágio. Eu sinto-me relativamente qualificada para entrar nele, pois tenho grande vontade de aprender e sou muito dedicada ao que faço. Portanto, acho que a faculdade não é suficiente; na verdade, a faculdade passa longe disso."
4. "A expectativa não é das melhores, principalmente na área em que estou (economia). Como nunca trabalhei, não estou exigindo muito... Com a minha capacitação atual, acho que está bom uns R\$ 800,00. Grande parte dos formandos do ano passado estão desempregados. Mas, estou procurando emprego (tenho duas entrevistas esta semana), e espero conseguir algo em breve. Sei lá, acho que não."

5.“Muito pior. O mercado de trabalho está saturado demais. Meu pai, com a minha idade, já tinha uma casa construída. Eu nem carro tenho.”

6.“Não gosto de economia. Queria ser Veterinária. Fui descobrir que não gostava muito tarde. Então, resolvi terminar. Acho que todo mundo tem capacidade pra trabalhar com qualquer coisa. Pretendo ganhar uma grana e abrir uma loja de animais.”

Questões Bloco C

1.“Muito próximas. Também tenho uma relação maravilhosa com a minha família.”

2.“Ótimas, tenho amigos até pela internet que, por sinal, são super legais. Lealdade e confiança.”